

MARIA BONITA E DADÁ: UMA BREVE RELEITURA DO CANGAÇO POR MEIO DA PRESENÇA DETERMINANTE DO ELEMENTO FEMININO

Yls Rabelo Câmara⁷

Yzy Maria Rabelo Câmara⁸

Resumo

Este artigo visa analisar panoramicamente a figura da cangaceira, bastante menos tratada academicamente que a do cangaceiro e a do cangaço em si. Nele, destacamos Maria Bonita e Dadá, as mais conhecidas e importantes dessas mulheres, representantes de um estilo de vida temerário e instigante. Ariano Suassuna, saudoso e prolífico escritor, dramaturgo, poeta e ensaísta paraibano, homenageado neste número da *Revista Entrelaces*, teve, no cangaço, uma de suas grandes inspirações, mas percebemos um déficit no que diz respeito às personagens cangaceiras em sua obra. Por essa razão, dedicamo-nos a estudá-las brevemente neste trabalho. Para tal, fizemos um levantamento bibliográfico que tem como teóricos nomes do quilate de Santos (2010), Freitas (2005) e Grunspan-Jasmin (2001), entre outros. Primeiramente, partimos da importância do tema do cangaço para a Literatura Brasileira e para Ariano Suassuna; em seguida, canalizamos nosso foco para a dificuldade que era ser uma cangaceira nos idos de Lampião; e afunilamos o tema ao analisarmos brevemente duas delas, a quem consideramos as mais simbólicas: Maria Bonita e Dadá. Com o intuito de melhor compreendê-las, analisamos seus perfis psicologicamente, à luz de Friedrich (1996), Ameno (2000), Dória (1981) e Nunes (2000), entre outros.

Palavras-chave: Cangaço. Mulheres no cangaço. Sertão. Nordeste Brasileiro.

Abstract

This article aims at briefly analyzing the *cangaceira*, who is further less studied than the *cangaceiro* and the *cangaço*. We highlight Maria Bonita and Dadá here, the most famous and important of those women, who represented a way of life both dangerous and riveting. Ariano Suassuna, the yearning and prolific writer, playwright, poet and essayist from Paraíba, who is honored in this issue of *Revista Entrelaces*, was inspired by the universe of *cangaço*. Even though, we notice that there is some lack of information about the *cangaceiras* in his work. That is why we have decided to study them in this paper in a brief way. This way, we did a bibliographical survey based on some theorists like Santos (2010), Freitas (2005) and Grunspan-Jasmin (2001) among others. First of all, we analyze the importance of *cangaço* for Brazilian Literature and Ariano Suassuna. Then, we focus on the difficulties those women had to face as *cangaceiras*; finally, we treat two of them shortly, who we consider the two most allegorical feminine illustrations relating to *cangaço* in Brazilian Northeast: Maria Bonita and Dadá. In order to understand them better, we analyze their profiles

⁷ Yls Rabelo Câmara é licenciada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estadual do Ceará, especialista em ensino de línguas estrangeiras (Inglês) pela mesma universidade, mestra e doutoranda em Filologia Inglesa pela Universidad de Santiago de Compostela. ylscamara@hotmail.com

⁸ Yzy Maria Rabelo Câmara é psicóloga pela Universidade de Fortaleza, assistente social pela Universidade Estadual do Ceará e mestra em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará. yzyrabelo@hotmail.com

psychologically, according to Friedrich (1996), Ameno (2000), Dória (1981) and Nunes (2000), among others.

Keywords: *Cangaço*. Women in *cangaço*. Backcountry. Brazilian Northeast.

1 O CANGAÇO NA LITERATURA BRASILEIRA E PARA ARIANO SUASSUNA

Os cangaceiros, representados por Lampião (seu líder maior) e por outros chefes de bandos como Corisco, sempre dividiram opiniões: para uns, foram facínoras cruéis e sanguinários, sedentos de vingança; para outros, como nós, autoras deste artigo, foram justiceiros – homens e mulheres marcados pela égide da iniquidade, que campeava solta nos sertões do nordeste do Brasil, entre os idos de 1870 e 1940. Suas vidas errantes e calcadas na “justiça feita com as próprias mãos” foram a representação violenta de uma voz que não era ouvida e que necessitou dessa catarse para ser respeitada como o clamor de um povo que também era parte integrante da nação de outrora, ainda que esquecida.

Polêmicas e contradições à parte, alguns são os autores e os romances brasileiros que tratam do cangaço e dos cangaceiros. Dentre os mais famosos podemos destacar: *O Cabeleira* (1876), de Franklin Távora; *Cangaceiros* (1938), de José Lins do Rego; *Seara Vermelha*, de Jorge Amado; e *D’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai e Volta* (1972), de Ariano Suassuna.

Como o enfoque deste número da *Revista Entrelaces* repousa na temática “A literatura no Sertão: diálogos e intertextos no regionalismo”, em uma merecida homenagem a Suassuna, falecido muito recentemente e que deixou uma lacuna impossível de preencher em nossas Letras Vernáculas, dedicamo-nos aqui a apresentar, resumidamente, alguns dados acerca da vida das duas mulheres mais importantes dessa seara, as pilastras na trajetória de Virgulino Ferreira da Silva (vulgo Lampião) e de Cristino Gomes da Silva Cleto (mais conhecido como Corisco, o Diabo Louro): respectivamente, a vaidosa e empoderada Maria Bonita e a bela e beligerante Dadá.

Tal como Lampião, Ariano Suassuna sofreu o trauma de haver tido o pai assassinado precocemente. Essa dor levou um ao cangaço e o outro à Literatura. Assim, Suassuna, o “Cangaceiro Manso”, reitera o acontecimento que catalisou sua verve literária, que o catapultou para o mundo artístico e o inspirou a cristalizar, em sua obra, a dor da perda de um referencial importante em idade tão tenra. A morte de seu pai,

divisor de águas em seu percurso como ser humano, é descrita por ele nestes termos, em seu discurso de posse como imortal, na Academia Brasileira de Letras, no dia 9 de agosto de 1990: “Posso dizer que, como escritor, eu sou, de certa forma, aquele mesmo menino que, perdendo o pai assassinado no dia 9 de outubro de 1930, passou o resto da vida tentando protestar contra sua morte através do que faço e do que escrevo...”.

O cangaço foi inegavelmente uma forte influência em sua obra. No entanto, percebemos que as cangaceiras não recebem dele igual tratamento que se destina a seus companheiros de luta e de vida. A bem da verdade, as informações a respeito dessas mulheres intrépidas oferecidas pela maioria das fontes que analisamos para a concepção deste trabalho tratam-nas de forma preconceituosa e/ou tendenciosa. No mais das vezes, são vistas como meras acompanhantes de seus homens, bandoleiras cruéis e hábeis “amazonas”, peritas no manejo de rifles e punhais e tão destemidas ou até mais sanguinárias do que eles próprios.

Partindo dessa falta, abordamos aqui as cangaceiras sob um prisma mais humano, tratando-as psicologicamente. Mencionamos as mais conhecidas, mas focamos em Maria Bonita e Dadá, devido a sua importância histórica. A seguir, traçamos um panorama de como soíam ser suas vidas junto aos bandoleiros dos sertões do Nordeste do Brasil daqueles idos, tempo de medo e de coragem.

2 A VIDA SOFRIDA DAS CANGACEIRAS

O cangaço fagocitou, para seus grupos, indistintamente, as donzelas (como Dadá e Sila), filhas de fazendeiros abastados, moças sem tantos recursos e mulheres casadas (como Maria Bonita e Mariquinha), que abdicaram da vida que levavam volitiva ou forçosamente, com o intuito de seguirem aqueles heróis/anti-heróis que lhes insuflavam o espírito aventureiro, o sentimento libertário e o senso de justiça. Não era fácil ser cangaceira; optar pela clandestinidade violenta; viver escondida, camuflada e alerta em meio ao mato seco e bravio do semiárido; sem luxos nem higiene e sem segurança no porvir; parindo nos matagais e ocultando os restos dos partos sob o solo poeirento e causticante. Os perigos não se restringiam somente aos possíveis abusos domésticos que pudessem sofrer essas mulheres, mas à violência gratuita com a qual eram tratadas quando eram capturadas pelas “volantes”. Estupros, espancamentos, torturas, mutilações e assassinatos brutais eram práticas sádicas comuns utilizadas pelos “macacos” contra essas mulheres que conheciam de perto a dor (FREITAS, 2005).

Mas, para elas, o que importava é que estavam ali para acompanharem seus homens, viverem e morrerem junto com eles. E foram muitas: Maria Bonita, Dadá, Sila, Durvinha, Maria Jovina, Neném, Quitéria, Áurea, Bídio, Mariquinha, Sebastiana, Otília, Enedina, Inacinha, Rosinha, Dulce, Eleonora, Adelaide, Otília, Moça, Lili, Sabina, Lídia, Adília, Maria de Azulão, Veroniquinha e Cristina, dentre muitas outras. Uma parte delas aderiu ao cangaço por vontade própria, como Maria Bonita, Inacinha, Cristina e Dulce; outras, como Dadá, Sila e Lídia, fizeram-no através de coerção sexual ou como forma de proteger seus companheiros, como aconteceu com Enedina (Ibidem, p. 117-118).

Com exceção dos casais Dadá e Corisco, Enedina e Cajazeiras, além de Sila e Moreno, todos os outros eram amancebados. Casados ou amasiados, todos, homens e mulheres, seguiam uma mesma norma de conduta no que dizia respeito às suas relações matrimoniais, e quem não se regia por ela pagava um alto preço. A relação virilidade guerreira *versus* virtude feminina tinha que se manter estritamente vinculada ao código de honra por eles adotado. Assim foi que, por suposição de adultério, Lídia, Maria Jovina, Lili e Cristina foram mortas por seus homens. O caso de Lídia foi o mais sangrento de todos porque se tratava de uma mulher visivelmente depressiva e que mantinha um romance clandestino, há três anos, com Bem-te-vi. Ao ser descoberta a traição, Zé Baiano a matou a pauladas, ainda que chorando convulsivamente de pena e sob o olhar atônito e impotente de todo o bando. Bem-te-vi foi poupado. A fidelidade era inquestionável, e a infidelidade, imperdoável. Para evitar maiores problemas, solteiros e casados eram separados uns dos outros (Ibidem, p. 134, 190-191).

A pena de morte se estendia também àquelas que se recusassem a contrair união com outro cangaceiro quando da morte de seu companheiro. Foi o que aconteceu com Cristina e Rosinha que, ao enviuvarem, esboçaram o desejo de deixar o grupo e o cangaço. Vendo nisso um possível problema, a mando do “Capitão”, foram sumariamente assassinadas a golpes de punhal (GRUNSPAN-JASMIN, 2001, p. 130). Ainda que hodiernamente nos pareça cruel e injustificável essa banalização da violência contra a mulher, ela coadunava com os interesses culturais dos nossos de então. O código do sertão diferia do código do litoral. O sertanejo, embrutecido por suas condições desfavoráveis de sobrevivência, intocado pelos refinamentos europeus, no que tange à conduta social, entregava-se às suas emoções mais visceralmente instintivas quando o assunto era “lavar a honra”. E honra se lavava com sangue. Por essa razão, a justiça passava ao largo dos que matavam para limpar a nódoa deixada por uma “vingança fundamentada”. Por extensão, no cangaço, esse código não poderia ter tido

distintos matizes. Imperava a *Lex Talionis*: “*Dente por dente; olho por olho*” dos que agiam “sob forte emoção”, “com privação de sentido”, e ninguém ousava questioná-la.

De acordo com Clemente (2007), a vaidade feminina era uma das características *sui generis* das cangaceiras: sempre levavam o cabelo bem penteado com brilhantina e preso com ricas fivelas e pega-rapazes e possuíam indumentárias especiais que utilizavam a depender da situação (se uma *soirée*, um baile na cidade ou uma batalha travada no coração da mata). Usavam chapéus de feltro, meias e luvas resistentes aos arbustos, alparcatas de couro e cartucheiras estilizadas. As fotos com elas costumavam ser tiradas em clareiras, onde os cachorros de estimação do grupo serviam de figurantes. Curiosamente, Maria Bonita e Dadá divergiam no que se refere às suas posturas nas fotografias: a primeira era sempre retratada como as modelos que estampavam as revistas femininas da época e que eram lidas por ela com voracidade; a segunda, como uma belicosa e entregue guerreira. Em várias fotografias, Lampião aparece lendo romances de Edgar Wallace, jornais e revistas. E, em muitas dessas revistas, as reportagens sobre ele próprio e seus homens figuravam como manchete principal (OLIVEIRA, 2009).

Uma vez ingressadas no cangaço, os papéis sociais se invertiam. Diferentemente das famílias que viviam no litoral, mais expostas às inovações trazidas do exterior como supracitamos, essas mesmas repercussões não eram toleradas no interior do país, mas duramente rechaçadas. Naqueles tempos, segundo Santos Jr. (2010), quando a sertaneja se casava, morria para o mundo: passava a se vestir de preto, não se perfumava mais e nem arrumava os cabelos como antes. Esperava-se que fosse uma esposa fiel, uma mãe dedicada e uma dona de casa prendada. Com tanta reclusão, engordavam e perdiam a graça de outrora. Com uma cangaceira, o mesmo não se dava: no cangaço, “comida sempre foi tarefa dos homens nos coitos, nos acampamentos, antes e depois das mulheres serem admitidas. [...] A grande maioria esperava ser servida. Até mesmo que lhe dessem a comida na boca, como o fazia Zé Baiano com sua amada” (ARAÚJO, 1985, p. 239 apud SANTOS JR., 2010, p. 130). Ao fim e ao cabo, para elas, os fins justificavam os meios (DÓRIA, 1981). Santos Jr. (2010, p. 134) corrobora nossas palavras quando afirma que:

De certo, as cangaceiras não tiveram como objetivo uma revolução, uma união pela equidade, porém, seus atos, por mais isolados que sejam, dentro do contexto já descrito, são a representação do princípio da modificação nas práticas e discursos de gênero no sertão.

Dentre todas essas sertanejas que guerrearam junto com seus homens pelos grotões dos chãos dos sertões; que por eles viveram, lutaram, sofreram e morreram; destaca-se a presença de duas: Maria Bonita e Dadá, as companheiras inseparáveis de Lampião e de Corisco. Duas mulheres que, literalmente, “dominavam uma fera perigosa” como canta Amelinha.

3 MARIA BONITA

Virgulino Ferreira, o Lampião
Bandoleiro das selvas nordestinas
Sem temer a perigo nem ruínas
Foi o rei do cangaço no sertão
Mas um dia sentiu no coração
O feitiço atrativo do amor
A mulata da terra do condor
Dominava uma fera perigosa

(Otacílio Guedes Patriota e José Ramalho Neto)

Curiosamente, apesar de haver sido a mulher mais destacada na vida de Lampião, o cangaceiro mais ilustre e sobre o qual recai o maior número de pesquisas acadêmicas, Maria Bonita não é tão exaustivamente relatada nem estudada como Dadá. Analisando-a, deparamo-nos com referências bibliográficas escassas e reticentes acerca dessa sertaneja que imprimiu, com o próprio sangue, sua trajetória na História do Brasil – razão pela qual fomos tomadas de um anelo ainda maior de traçar um esboço de sua passagem por terras nordestinas e de sua contribuição para com a nossa cultura.

Maria Gomes de Oliveira, a Maria Déa ou Maria Bonita, a dona incontestável do coração do “Capitão”, viveu apenas 27 anos. Neta de avó holandesa e de avô português, seus pais, João Casé e Maria Déia, tinham uma fazenda (Malhada do Caiçara) fincada na fronteira entre os estados da Bahia e de Sergipe (QUEIRÓS, 1977). Eram coiteiros. A família era numerosa; no total, doze filhos além de Maria Déa: José, Ozéias, Ananias, Isaías, Arlindo, Benedita, Antônia, Dorzina, Chiquinha, Naná, Dondon e Deusinha (FONTES, 1988).

Casada aos 16 anos, com o sapateiro José Miguel da Silva, que não lhe rendeu prole, Maria Bonita era infeliz no casamento e sonhava com o dia em que conheceria Lampião. A futura Rainha do Cangaço era uma mulher de beleza agreste: tinha a testa protuberante, o nariz bem trabalhado, os lábios grossos, as pernas roliças e possuía um temperamento másculo e aventureiro (Ibidem, p. 246-247). Sua mãe, preocupada com a infelicidade marital da filha e vendo sua inclinação pelo Rei do

Cangaço, fez saber a este, por meio do cangaceiro Luiz Pedro, a que sua filha aspirava. Recado dado, Lampião entusiasmou-se pela descrição da moça feita por seu “cabra”: corpo volumoso, cabelos negros, belo sorriso, baixa e morena (OLIVERI, 1998, p. 27-28). Quis o destino que os dois se conhecessem em fevereiro de 1930 e que se apaixonassem. Maria Déa contava, na época, com pouco mais de 19 anos, e Lampião continuou a visitá-la e cortejá-la durante um ano, até que ela se decidiu a deixar o marido e segui-lo (GRUNSPAN-JASMIN, 2001).

De acordo com Lins (1997), Lampião lutou contra seus próprios instintos quando decidiu incorporar Maria Bonita ao bando. Foi desaconselhado a fazê-lo por Sinhô Pereira e Pe. Cícero; enfrentou o descontentamento de seus homens, e sua consciência gritava-lhe que, segundo os preceitos cristãos, a mulher era a veiculadora do Mal e, portanto, a presença dela no meio deles semearia a discórdia e a desavença. Lampião nunca foi um sedutor, ao contrário, era tido por muitos como um asceta (QUEIRÓS, 1977). Tímido, foi vencido pelo amor recalcado. A mãe de Maria Bonita aprovou, de imediato, a nova relação da filha, que, ansiosa, esperava por seu herói: “Estou pronta! Vamos! Se você não quiser, eu quero!” (LINS, 1997, p. 43).

Maria Déa entrou para o bando e abriu um precedente: tornou-se a primeira mulher a entrar para o cangaço, ainda que sem pegar em armas, e pavimentou o caminho para que mais de trinta outras mulheres fizessem o mesmo (FREITAS, 2005). Já como amásia de Virgulino, sofreu vários abortos e teve apenas uma única filha (Expedita Ferreira Nunes), que sobreviveu milagrosamente às intempéries daqueles dias difíceis. A menina escapou à sina de seus irmãos porque foi criada pelo coiteiro Manoel Severo, que já tinha 12 filhos e cuja filha caçula havia nascido com dias de diferença de Expedita. Assim, fez-se correr a história de que as duas eram gêmeas, calando a curiosidade dos vizinhos e provendo uma ama de leite à pequena Expedita, que somente viveu 45 dias ao lado dos pais biológicos (SOUZA & ORRICO, 1994). A criança foi por eles visitada algumas vezes e seguiu sendo criada por sua família adotiva depois da morte de seus genitores e longe dos riscos constantes da morte certa na caatinga (quer fosse pela traição de um coiteiro, por um ataque repentino dos “macacos” ou pelas doenças que grassavam e ceifavam vidas infantis).

Maria Bonita, a “Santinha” como Lampião a chamava, gostava que a achassem bela. Na verdade, “Santinha” era um nome bastante comum em Pernambuco, naquela época, e foi uma homenagem de Lampião ao seu primeiro amor, uma moça por quem se apaixonara, mas por quem não foi devidamente correspondido como defende Lins (1997). Lampião chamava Maria Déa de “Santinha”, mas, contrariando as

expectativas, nunca se referiu a ela como “Maria Bonita” (QUEIRÓS, 1977). Vaidosa, a Rainha do Cangaço trazia sempre, em seu bernal, o pente, o espelho, o batom, a escova dental, o talco e o perfume segundo Freitas (2005). Tal era sua elegância que, logo depois da reportagem fotográfica de Benjamim Abraão, a imprensa passou a ressaltar o charme da “Madame *Pompadour* do Cangaço”.

Segundo Dadá, havia certo grau de rivalidade feminina entre ambas. Conhecida por seu mau gênio, Santinha chegava a ser cruel em suas retaliações contra possíveis rivais que ameaçassem sua relação de oito anos com o “Capitão”, mas inúmeras foram também as vidas poupadas por meio de sua poderosa influência sobre ele. Na verdade, Maria Bonita e Dadá nunca chegaram a ser amigas íntimas, apenas mantinham uma boa convivência por questão de necessidade. Dadá sempre a qualificou de esnobe e afetada, além de voluntariosa, mandona e ranzinza. Em um dado momento, devido a um desentendimento envolvendo o nome de “Maria de Lampião”, o “Capitão” e Corisco, estes dois últimos chegaram a dividir-se em dois grupos distintos e ficaram quase dois anos sem o mais mínimo contato (Ibidem, p. 155-156).

No entanto, apesar do que lhe dizia sua Maria Bonita com respeito a intrigas entre as duas, Virgulino tinha muita estima e admiração pela companheira de seu melhor “cabra”, a imprescindível Dadá, a “suçarana” de Corisco.

4 DADÁ

A cangaceira Dadá tornou-se uma das figuras mais emblemáticas do cangaço em função de sua participação direta nos embates com as volantes, nas invasões a cidades e povoados. Enfim, destaca-se, sobretudo, por sua prática e postura belicosa, imagem que faz questão de alimentar mesmo após o fim do cangaço (FREITAS, 2005, p. 132).

Dadá, ou SÉrgia Ribeiro da Silva, foi de incalculável valor dentro do contexto em que viveu porque, dentre outros feitos, foi a primeira cangaceira a atuar efetivamente ao lado de seu companheiro de vida e de luta. Posteriormente, foi a voz que não se permitiu calar frente ao golpe de olvido que ameaçava emudecer a importância do cangaço para a nossa história contemporânea.

Nascida em Belém de São Francisco, Pernambuco, nos idos de 1915, teve contato com os índios autóctones em sua primeira infância e deles muito aprendeu. Era uma menina prendada e, segundo palavras de Araújo (2010), confeccionava suas próprias roupas desde a mais tenra idade. Aos 13 anos, trasladou-se, com a família, para a Bahia e foi precisamente nessa idade que seu mundo transformou-se por completo.

Tinha um namoradinho chamado Cazuzo, que era cinco anos mais velho que ela e com quem Dadá jamais trocou mais que algumas olhadas furtivas (ARAÚJO, 1982, p. 31). Não obstante, o destino lhe havia reservado um homem menos inocente: Corisco, seu primo e braço direito de Lampião, conhecido e temido por sua ferocidade.

Para ganhá-la, Corisco a violentou, e o defloramento foi praticado de forma tão absolutamente selvagem que quase lhe causou a morte por hemorragia. Depois do estupro, Dadá foi sequestrada e obrigada a viver com seu violador. O fato de se haver juntado ao bando de Lampião, ainda que forçosamente, trouxe à sua família grande dissabor porque a indispôs contra a polícia, que frequentemente visitava a casa em busca de indícios de Corisco e, desapiadadamente, torturava seus moradores com requintes de crueldade.

Paulatinamente, o ódio de Dadá por seu malfeitor foi cedendo espaço ao amor... . Corisco a tratava bem, como era comum entre os cangaceiros, e ensinou-lhe a manejar armas de fogo, ler, escrever e fazer contas. Em troca, Dadá foi-lhe uma companheira fiel e deu-lhe sete filhos (o primeiro – de quem não se sabe o nome –, Josafá, Manuel, Sílvio, uma natimorta, Celeste e Maria do Carmo), dos quais, infelizmente, somente três chegaram à vida adulta (SOARES, 1984).

Mulher ativa e trabalhadora, resultou-lhe fácil servir prazerosamente a Lampião e a seu bando nos ofícios de costureira, jagunça e parteira (DÓRIA, 1981). Foi uma valente, uma mulher dotada de uma sensibilidade especial para com os sonhos e as premonições que lhe avisavam quando a “volante” se aproximava; uma “guerreira” valiosa e que lutava bravamente, ao lado de Corisco, para defender a si, a seu homem e a seus companheiros.

Após a emboscada que culminou com a morte de Lampião, Maria Bonita e outros nove do bando na Gruta de Angicos, em Sergipe, Corisco vingou-se cruelmente dos acaguetes. Sem se fazer esperado, entrou na fazenda Patos, em Piranhas, e matou seis pessoas da família do vaqueiro Domingos Ventura, o provável delator, decependo, em seguida, sua esposa e sua filha e levando consigo suas cabeças. Desgraçadamente, comprovou-se, *a posteriori*, que se havia cometido uma injustiça. Eram todos inocentes.

Por fim, acabou ele mesmo morto em outra emboscada, armada pelo Coronel José Rufino em 1940. Desta feita, ao perceberem o artilheamento que se lhes havia sido preparado, Corisco e Dadá tentaram pular uma cerca de roça e rumar em direção à caatinga de quebra-facão e umburana em volta do roçado. A tentativa foi em vão. Corisco foi baleado pelas costas, e as balas atravessaram-lhe os intestinos. Suas vísceras escaparam-lhe junto com o sangue e se misturaram à terra. Mortalmente ferido, seu

corpo inerte ficou relegado debaixo de um umbuzeiro. Seus intestinos foram recolocados, e seu corpo, enrolado com uma manta, para absorver o sangue.

Dadá foi gravemente ferida à bala, no tornozelo direito, e teve o pé estraçalhado, quase que completamente partido, seguro somente pelo tendão de Aquiles. Lívida de dor, implorou insistentemente aos “macacos” que lho cortassem, mas nenhum atreveu-se a fazê-lo. O resultado foi uma série de desmaios pela dor lancinante. Ainda assim, jamais foi capaz de esquecer a alegria com a qual os soldados cantavam ao lado de seu marido moribundo. Corisco, arquejante, calado pelo ódio, apenas pediu água, mas não permitiu que outra pessoa que não fosse Dadá lhe desse de beber.

Depois de uma agonia que durou aproximadamente 12 horas, o “Diabo Louro” morreu entre as 3 e as 4 da manhã do dia 25 de maio de 1940. Teve a cabeça decepada, e seu corpo incompleto foi sepultado em Djalma Dutra, em uma cova rasa. Na hora do enterro, Dadá não pôde estar presente: sobre um colchão imundo e infecto, estava tendo a perna direita amputada devido à gangrena que se formou rapidamente (ARAÚJO, 1982).

Para ela, a maior batalha foi empreendida fora da caatinga: já recuperada, dedicou-se a reaver e enterrar os restos mortais de seu marido que foram confiscados pelo Museu Nina Rodrigues para posterior estudo. Sua vitória veio no dia 13 de julho de 1977, quando conseguiu reunir e sepultar condignamente o que dele sobrou (FREITAS, 2005). Dadá reconstruiu sua vida ao casar-se novamente, mas, infelizmente, pouco sabemos desse novo homem com quem ela viveu 35 felizes anos, ainda que sem filhos em comum. Com o passar do tempo, seus filhos com Corisco foram retornando, aos poucos, à sua companhia (ARAÚJO, 1982).

Inacreditavelmente, muitos anos depois da chacina que a vitimou, Dadá teve um último e definitivo encontro com seu algoz e assassino de seu marido. Zé Rufino, arrependido de haver matado Corisco, em seu leito de morte, pediu perdão a Dadá: “É um remorso que tá comigo e eu não posso morrer com ele. Mas você veio me ver e me perdoar [...]. Eu não queria matar Corisco. Eu pedi pra ele se entregar” (SOARES, 1984, p. 81-82).

Dadá tornou-se o símbolo da mulher que não se permite ser amordaçada pela couraça da impotência. Sua luta foi reconhecida em homenagens prestadas e entrevistas concedidas que registraram sua inteligência e articulação. Morreu na periferia de Salvador, em 1994, aos 78 anos, e seu corpo repousa no cemitério Quintas dos Lázarus, na Bahia.

Para melhor compreendermos o espírito indômito de Maria Bonita e Dadá, representantes fidedignas de suas congêneres, analisamos ambas psicologicamente, na próxima seção. Tanto uma como outra foram mulheres fortes, fálicas e empoderadas, cada uma a seu modo; mulheres que se destacaram por seu caráter combatente ao mesmo tempo que compassivo; diferentes entre si ao mesmo tempo que unidas pelo amor a assassinos que se intitulavam “justiceiros”.

5 UMA BREVE ANÁLISE PSICOLÓGICA DE AMBAS AS CANGACEIRAS

O século XX surgiu em meio ao contexto vitoriano de passividade feminina, no qual o ideal do ser mulher era focado no afã de estar casada e de ser mãe, cabendo a ela a função afetiva, o cuidado no gerenciamento da casa e na educação dos filhos. Essa imagem de fragilidade socialmente desejada fez com que a mulher passasse a assumir um poder diante do homem por reforçar-lhe o sentimento de potência.

A mulher do litoral (que tinha maior acesso às inovações culturais e modismos) e a mulher do sertão (que não podia vivenciar uma sensualidade e a manifestação de seus desejos devido à forte submissão que devia ao marido e à sociedade) não aceitavam as transgressões dos valores habituais do cangaço. Em meio a esse cenário excludente, para a cangaceira, havia a ruptura, como assegura Nunes (2000), do rótulo da virtude casta e dependente da figura masculina para o estabelecimento de um novo padrão de natureza transgressora. A mulher cangaceira, por não sofrer a influência dos ideais europeus em relação à constituição do ser feminino, vivia sob a égide do código do sertão, que lhe supunha, acima de tudo, a necessidade de ser forte o suficiente para sobreviver à dureza geoclimática. Mais ainda, diante de tanta adversidade, a expressão visceral dos sentimentos de afeto, raiva e desejo sexual não tinha os mesmos protocolos que a sociedade como um todo impunha como atos civilizados.

Na lei do cangaço, não havia desonra para a mulher que vivesse com um cônjuge sem a bênção cristã, desde que a mesma fosse fiel não apenas ao seu companheiro, mas também aos ideais dos grupos justiceiros. A vivência marital sem o casamento formal não era percebido como algo aversivo ou pecaminoso e, nesse contexto, até mesmo familiares aceitavam ou eram levados forçosamente a deixarem que suas donzelas partissem para uma vida de incertezas e riscos, de vivências sexuais sem os pudores socialmente impostos, e uma vida nômade, impensável e inaceitável para a mulher litorânea da aurora do século XX.

Segundo Freud (1905-1989), o ser mulher é o resultado de um longo processo de lapidação da construção psíquica. Inserida em um contexto histórico e cultural predeterminado, mesmo sendo anatomicamente feminina, o sujeito pode nunca amadurecer psicologicamente, ao ponto de tornar-se efetivamente mulher. Dessa forma, a cangaceira nada mais era do que um produto duramente lapidado pela necessidade de sobreviver à aridez do sertão e às circunstâncias adversas. De moças prendadas e à espera de casamentos, filhos e vidas estáveis, as guerreiras viviam à sombra das fímbrias sociais, na mais completa clandestinidade e em constante estado hipervígil, por representarem a quebra com o dogma da passividade e da fragilidade femininas.

No novo estilo de vida, as cangaceiras tiveram que se desapegar de sonhos por elas idealizados e rapidamente resignificar a realidade que se lhes apresentava, por vezes, marcada pela violência sexual advinda de seus próprios companheiros. Mais ainda: o sertão solidificava-lhes o caráter diante de tantas privações (a falta de recursos higiênicos e básicos para a manutenção de uma qualidade de vida razoável, o rechaço e indiferença sociais a que eram submetidas e a estratégia de sobreviverem fugindo dos algozes, entre outras tantas adversidades). Mas, apesar de todas as inúmeras abstinências materiais e mesmo da violência empregada, ainda assim, havia a expressão do amor entre os pares. Maria Bonita ansiava um relacionamento amoroso com o líder mais famoso do cangaço e não apenas isso: queria romper a relação insípida que mantinha com seu primeiro esposo e aventurar-se pelos sertões. Dadá, ainda que tenha sido violentada pelo companheiro e tenha sido obrigada a conviver com ele em ambientes inóspitos, contra sua própria vontade e a de sua família, passou, com o tempo, a amar esse homem que a transformou em uma mulher de poder, fálica e temida, ao mesmo tempo que amada, admirada e imitada.

Mas o ser forte não representava, para as cangaceiras, a perda de si mesmas e de suas feminilidades; pelo contrário, era comum ver o quanto eram cuidadosas com sua aparência (roupas, cabelos, maquiagem, acessórios e poses para fotos). Ameno (2000) compreende que o poder fálico está diretamente relacionado à capacidade de tomada de decisão que viabiliza a saída da passividade para a condição de ser agente de suas próprias vidas, abordando sua sexualidade da mesma forma que os homens, sem os temores e pudores idealizados para a mulher, e tendo também o poder sobre seus companheiros.

Assim sendo, Maria Bonita e Dadá assumiram a condição de empoderadas e, na ausência do falo anatômico, criaram, em si mesmas, o preenchimento do vazio de suas personalidades fortes por meio de atitudes que explicitavam esse empoderamento.

A companheira de Lampião sabia impor seus desejos a ponto de o grande justiceiro atender suas demandas sem maiores questionamentos. Supostamente frágil, mostrava seu poder de sedução e imposição no instante em que algo ameaçava suas intenções, e era consabido o quanto Maria Bonita era implacável com rivais ou supostas rivais. Dadá, por sua vez, como expõe Dória (1981), viveu sua feminilidade através da sexualidade e da sua sensualidade, manifestadas na fortaleza de caráter, da capacidade intuitiva extraordinária e de suas habilidades para a costura e o ofício de parteira; na mesma proporção também em que se permitiu ser construída no cangaço, tornando-se uma mulher plena de autoridade ao lutar junto com seu esposo e seus companheiros de armas.

Por fim, Friedrich (1996) coloca que, ao mesmo tempo que é forte, a mulher fálica passa a buscar o ser virilizado, seguro e forte o bastante que a faça desvencilhar-se da autodefesa masculina e viver a feminilidade socialmente aceita em sua completude, ainda que temporariamente. Mesmo os homens do cangaço sendo justiceiros, a brutalidade do sertão não era absoluta, pois havia uma função social de demonstração de afeto, como em relação ao preparo dos alimentos, que não era atribuição feminina. Maria Bonita conseguia de Lampião todo o cuidado e mimos que pudesse desejar. Dadá via, no seu homem guerreiro, a personificação do feminino nos atos de gentileza espontânea, no cuidado em fazê-la transcender sua realidade a partir do ensino da leitura, da escrita e dos rudimentos de matemática, assim como pelo instinto protetor ao treiná-la no manuseio das armas. Essas mulheres poderosas, por vezes confundidas com másculas ou masculinizadas, conseguiram exercer, com perfeição, sua feminilidade, amainando e tornando menos embrutecidos os homens que com elas compartilhavam vida, luta e morte.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos este trabalho, inferimos e destacamos a importância única das mulheres para o cangaço, como agentes de transformação social dentro desse movimento visceralmente associado com o elemento masculino. A presença feminina, ainda que tardia e limitada, amenizou o caráter mais belicoso desses justiceiros temidos por muitos e admirados por outros tantos.

No centro dessa egrégora, estão Maria Bonita e Dadá, as cangaceiras mais emblemáticas entre tantas outras igualmente importantes, as vîgas emocionais nas vidas de Lampião e Corisco respectivamente, os dois chefes de bandos de cangaceiros mais

conhecidos, poderosos e respeitados de todos os tempos na nossa História. O cangaço já não tem representantes vivos, mas a memória desses homens e mulheres intrépidos, audazes e aventureiros, por vezes, cruéis, por vezes, condescendentes, alude ao tema proposto para este número da *Revista Entrelaces* – “A literatura no Sertão: diálogos e intertextos no regionalismo” –, que homenageia o pranteado Ariano Suassuma, para quem o cangaço foi uma influência positiva e inspiradora, ainda que a figura da cangaceira não tenha tido, para ele, o mesmo matiz de relevância que a figura do cangaceiro em si.

Por essa e outras razões, cremos que as cangaceiras, representadas, neste artigo, por Maria Bonita e Dadá, merecem um estudo tão ou mais aprofundado do que o cangaço e os cangaceiros (analisados à exaustão), uma vez que sempre lhes subestimamos a participação literária em detrimento da presença massiva do elemento masculino nas obras que lidam com esse que foi um dos movimentos mais tradicionalmente vinculados ao Nordeste brasileiro e ao sertão inóspito, em particular, abrigo de nossas manifestações culturais mais genuínas.

Acorda, Maria Bonita
 Levanta, vai fazer o café
 Que o dia já vem raiando
 E a policia já está de pé
 Se eu soubesse que chorando
 Empato a tua viagem
 Meus olhos eram dois rios
 Que não te davam passagem...
 (Volta Seca, ex-cangaceiro)

Quem era mais bandido? Nós que dividíamos o que roubávamos, ou eles que roubavam o que dividíamos? (Sila, ex-cangaceira)

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Adenilson de Barros & SOUZA, Wagner de. Lampião como um d’os desvalidos: a versão de um bandoleiro sobre suas escolhas e ações. In: **II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: Diversidade, Ensino e Linguagem**. Cascavel/PR: Unioeste, 2010. p. 1-12.

AMENO, Agenita. **A função social dos amantes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. **Gente de Lampião: Dadá e Corisco**. São Paulo: Traço Editora e Distribuidora Ltda, 1982.

ARAÚJO, Germana Gonçalves de. Aparição do cangaceiro. In: **VI Enecult – Encontros de Estudos Multidisciplinres em Cultura**. Salvador, p. 1-9, 2010.

CLEMENTE, Marcos Edílson de Araújo. Cangaço e cangaceiros: histórias e imagens fotográficas do tempo de Lampião. In: **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**. v. 4, ano IV, n. 4, p. 1-18, 2007.

_____. **Lampião acesos**: um estudo sobre os processos constitutivos da memória do cangaço. São Paulo: Saeculum, 2009.

DÓRIA, Carlos Alberto. **O cangaço**. Série Tudo é História. São Paulo: Brasiliense S.A., 1981.

FONTES, Oleana Coelho. **Lampião na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1988.

FREITAS, Ana Paula Saraiva de. **A presença feminina no cangaço**: práticas e representações (1930-1940). Dissertação de Mestrado. São Paulo: UNESP, 2005.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de Ribeiro. v. 7, 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1905-1989.

FRIEDRICH, Mariana Freire. Contribuições a formação de uma identidade travestista. In: **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. v. 7, ed. especial 1, [s.n.]. São Paulo: SBRASH, mar. 1996.

GOMES, Karolina; HACKMAYER, Monika; PRIMO, Virgínia. **Lampião, Virgulino e o mito – 70 anos do fim do cangaço**. São Paulo: Agenda Eclética, 2008.

GRUNSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião, senhor do sertão**. São Paulo: Edusp, 2001.

LINS, Daniel. **Lampião, o homem que amava as mulheres – o imaginário no cangaço**. São Paulo: ANNABLUME, 1997.

MARQUES, Ana Cláudia. **O Cangaço de Lampião sobre a Produção Moral de si e do outro no Sertão de Pernambuco**. Papeles de trabajo. Revista electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de General San Martín. ano 2, n. 5. Buenos Aires. Dossier “Artes de lo Sagrado en las XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas de América Latina”, p. 1-24, 2009.

NOVAES, Cláudio Cledson. Da certidão de óbito ao nascimento do mito: Corisco e o cangaço na cena cultural e cinematográfica do Brasil. In: **III Encult – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador, p. 1-13, 2007.

NUNES, Silvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

OLIVEIRA, Klebson et al. **Novos tons de rosa (cartas e bilhetes de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião)**: sócio-história, funções e um pouquinho de descrição linguística. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVIER, Antonio Carlos. **O cangaço. Guerras e revoluções brasileiras**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

QUEIRÓS, Maria Isaura Pereira de. **Os Cangaceiros**. São Paulo: Livraria Duas Cidades Ltda, 1977.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. Lampião revisitado: cangaço, cinema e identidade. **O Olho da História**. n. 11. p.1-18, 2008.

_____. O cangaço entre a história e a memória. **Xingó**. n. 3. p. 165-190, 2003.

SANTOS Jr. (2010). As Marias no Cangaço: Faces Femininas no Banditismo Social (1930-1940). In: **Historien** – Revista de História [3]. p. 121-135, 2010.

SILVA, Valdeci Gonçalves. **O poder fálico da mulher e a feminilidade no homem**. Disponível em: <http://www.algosobre.com.br>. Acesso em: 12 de outubro de 2014.

SOARES, Paulo Gil. **Vida, paixão e morte de Corisco, o diabo louro**. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1984.

SOUZA, Ilda Ribeiro de Sila & ORRICO, Israel (Zai) Araújo (1984). **Sila – uma cangaceira de Lampião**. Santos: Traço Editora e Distribuidora Ltda, 1984.

VILLELA, Jorge Mattar (2001). Societas sceleris – cangaço e formação de grupos armados no sertão de Pernambuco. In: **Civitas** – Revista de Ciências Sociais. ano 1, n. 2. p. 143-163, 2001.

Sites:

http://es.wikipedia.org/wiki/Maria_Bonita. Acesso em: 14 out. 2014.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Virgulino_Ferreira_da_Silva. Acesso em: 14 out. 2014.

http://velhochico.net/index_arquivos/Page%20953A.htm. Acesso em: 14 out. 2014.

ANEXO A – 30 FILMES QUE TRATAM DO CANGAÇO NO BRASIL

FILME	ANO	DIRETOR	DURAÇÃO
O Cangaceiro	1997	Aníbal Massaini Neto	120'
Jesuíno Brilhante, o Cangaceiro	1972	William Cobbett	90'
Meu Nome é Lampião	1969	Mozael Silveira	90'
Lampião, o Rei do Cangaço	1964	Carlos Coimbra	100'
Riacho de Sangue	1966	Fernando de Barros	105'
Faustão	1971	Eduardo Coutinho	115'
Lampião, Sonhos de Bandido	2007	Damien Chemin (Bélgica)	60'
Deus e o Diabo na Terra do Sol	1964	Glauber Rocha	120'
A Morte Comanda o Cangaço	1960	Carlos Coimbra	110'
Baile Perfumado	1996	Paulo Caldas	93'
Corisco, o Diabo Loiro	1969	Carlos Coimbra	100'
O Cangaceiro Trapalhão	1983	Daniel Filho	90'
O Cangaceiro	1953	Lima Barreto	94'
Corisco e Dadá	1996	Rosemberg Cariry	101'
Os Três Cangaceiros	1959	Victor Lima	105'
A Vingança dos Doze	1970	Marcos Faria	95'

As Cangaceiras Eróticas	1974	Roberto Mauro	100'
Memória do Cangaço	1965	Paulo Gil Soares	30'
A Mulher no Cangaço	1976	Hermano Penna	36'
O Último Dia de Lampião	1975	Maurice Capovilla	60'
Maria Bonita, Rainha do Cangaço	1968	Miguel Borges	100'
O Lamparina	1963	Glauco Laurelli	104'
Sagarana, o Duelo	1973	Paulo Thiago	110'
O Primo do Cangaceiro	1955	Mário Del Rio	85'
Grande Sertão	1965	Geraldo e Renato Santos	90'
Canta Maria	2006	Francisco Ramalho Jr.	95'
Deu a Louca no Cangaço	1969	Fauzi Mansur	100'
Quelé do Pajeú	1969	Anselmo Duarte	115'
Brasil Verdade (Memória do Cangaço)	1965	Paulo Gil Soares	30'
O Dragão da Maldade x Santo Guerreiro	1969	Glauber Rocha	105'

Fontes:

GOMES, Karolina; HACKMAYER, Monika & PRIMO, Virgínia. Lampião, Virgulino e o Mito – 70 Anos do Fim do Cangaço. In: **Agenda Eclética**. 2008. p. 15-19.

CAUSA OPERÁRIA ONLINE. **Mostra gratuita exhibe filmes sobre o Cangaço**. Disponível em: <http://www.pco.org.br/conoticias/ler_materia.php?mat=5880>. Acesso em: 5 maio 2013.

ANEXO B – CURIOSIDADES SOBRE O CANGAÇO E OS CANGACEIROS

Muitas são as lendas e as curiosidades acerca de Lampião e de seu bando. Homem amado e alçado ao patamar de herói, ao mesmo tempo que odiado e tido como o bandido número um do Brasil daqueles idos, suas aventuras no árduo sertão vêm sendo narradas nos cordéis e espalhadas pela *vox populi*. Reunimos aqui algumas das mais interessantes e conhecidas dessas histórias:

* Quando um integrante do grupo morria, era costume que seu apelido fosse adotado por um novato. Intencionalmente, tal “batismo” fazia crer que os cangaceiros eram imortais, invencíveis.

* Quando caíam em emboscadas, não deixavam rastros para a polícia avaliar o resultado dos combates. Levavam os mortos e, quando isso era inviável, cortavam-lhes as cabeças para dificultar a identificação.

* Sempre havia cães que acompanhavam o bando e que funcionavam como sentinelas. Havia também um sistema de alarme rudimentar, mas eficiente, e que consistia em cercar o acampamento com fios ligados a badalos de pequenos sinos.

* Uma segura forma de camuflar suas escapadas era o grupo andar em fila indiana. O último ia de costas, apagando o rastro confuso com ramas de plantas. Mandavam também fazer alpercatas com o salto na frente e não atrás, como é o esperado. A pegada parecia apontar para o lado oposto do caminho e, assim, confundia-se o inimigo.

* Para acovardar os coiteiros, a polícia espalhou a notícia de que, quando estava irado, Lampião jogava as crianças para o alto e as aparava com um punhal. Até hoje, essa é uma das mais sangrentas associações que o sertanejo faz entre Lampião e sua crueldade.

* Diz-se que, uma noite, Lampião chegou à casa de uma senhora e pediu-lhe guarita e comida para si e seus homens. Ela assim o fez, mas acabou por esquecer-se de colocar sal na comida, tão nervosa se encontrava. Um dos cangaceiros reclamou que seu “dicumê” estava insosso. Desgostoso com a ingratidão de seu “cabra”, Lampião pediu à senhora um pacote de sal e o despejou sobre o prato deste, obrigando-o a comer tudo o que estava ali. O cangaceiro morreu antes de terminar de cumprir a ordem.

* Certa feita, um homem foi flagrado por Lampião cometendo um crime de incesto. Lampião ordenou-lhe que colocasse seus testículos numa gaveta e a fechasse com chave. Deixando-lhe um punhal sobre a mesa de cabeceira, disse-lhe: “Volto em dez minutos. Se você ainda estiver aqui, eu te mato”.

Fontes:

http://velhochico.net/index_arquivos/Page%20953A.htm. Acesso em: 14 de out. 2014.

<http://www.heliopolis.kbahia.net/curiosidades-2/1223-01-08-lampiao-banditismo-por-pura-maldade-ou-necessidade>. Acesso em: 5 maio 2013.